«Morrer apenas o estritamente necessário,
sem ultrapassar a medida. Renascer o tanto
preciso a partir do resto que se preservou.»

WISŁAWA SZYMBORSKA

«Ao destino agradam as repetições [...].
Matam-no e ele não sabe que morre para
que se repita uma cena.»

JORGE LUIS BORGES

ENGRAMA I

Engrama — traço permanente deixado no tecido nervoso por um estímulo marcante. Diz respeito não apenas a um acontecimento memorável, mas a uma experiência capaz de alterar para sempre a matéria sentiente.

De quando o dever montou no amor

A manga na ponta do galho não parava de olhar para Tito. Passou a persegui-lo de uma tal maneira que, estivesse ele onde estivesse, ela o atiçava. Aquela manga carnuda, mama nua nas alturas, estava tentando o menino, seu caldo escorreria pelo canto da boca morna e o lambuzaria. Tito imaginou o gosto concentrado e antecipou uma saliva abundante; foi apanhá-la. O tronco escorregadio, lavado pela chuva, não o desanimou. Arranhou a pele lisa na casca grossa da árvore, o sangue porejou ardido, mas incapaz de sabotar seus planos, impulsionou o corpo para cima, pulsava dentro dele a iminência da saciedade, a quase alegria. Segurou no galho acima da cabeça, os pés se ajeitando nas saliências e forquilhas, escalou. Já nas grimpas, andou de lado com um leve balanço sob os pés e, com as mãos agarradas em galhos trêmulos que percorriam uma ligeira folga antes de sustentar seu peso, chegou. Lá estava ela, carnuda. Esticou o braço, alcançou a fruta e a puxou com a força de possuí-la de uma só vez, o galho veio junto e, antes de encontrar alguma resistência, Tito se espatifou no chão. Caiu de costas.

Valquíria viu a queda e, depois dela, a imobilidade de Tito, gritou a morte do irmão com o desespero de perdê-lo — Mãe, Tito caiu do pé de manga! Corre, mãe! — Margarida, a irmã mais velha, chegou

sem dissipar energia com os costumeiros rebolados, arrancada a contragosto das fantasias românticas pelo barulho da queda e os gritos de Valquíria. Com os olhos vidrados no corpo esticado no chão, engrossou o coro — Mãe, mãe, Tito caiu do pé de manga!

Viridiana saiu de casa com uma velocidade desconhecida nas veias — Tito, meu filho, o que foi isso? Val, chama o seu Barros, rápido, filha. Vá com ela, Margarida, pede para chamar uma ambulância.

Tito estava colado no chão, os olhos abertos embaçados, vozes distantes girando palavras no ar e a sensação do corpo inutilizado. O socorro chegou. Contaram até três e puseram Tito na maca. Viridiana foi junto na ambulância, mãos dadas com o filho — Tito, meu menino, o que foi isso, Tito? Aguente firme, filho. — A sirene ligada por todo o trajeto. O mundo desfocado, sumindo, sumindo, sumindo.

Chegaram ao hospital. A inesquecível sensação da cama com rodinhas fazendo manobras apertadas no corredor. As luzes indo e voltando como se Tito flutuasse, subindo e descendo ondas tempestuosas, avistando e perdendo de vista a terra firme. Viridiana correu ao lado para acompanhar a urgência, mãos agarradas no corpo do filho, segurando a vida dele nas unhas. O perigo era a coluna, disseram, a medula... não sentir as pernas é um mau sinal — Não sentir? Como assim, não sentir as pernas?

Muitos anos antes, Ozório Saldanha Leite, ainda bebê de colo, pegou uma infecção bacteriana que provocou uma diarreia furiosa. Tinha cerca de um ano de idade, usava fraldas, e a única palavra que sabia rascunhar era um arremedo de mamãe. A desidratação minou seu corpo, a língua colou no céu da boca, os olhos afundaram dois poços em sua face e, embora ele chorasse, não havia matéria líquida para escorrer lágrimas. Praticamente desenganado, Ozório, internado havia quatro dias no Hospital das Clínicas de Belo Horizonte, lutava contra o tempo, uma vez que a cultura nas fezes, para descobrir exatamente qual bactéria estava acabando com ele, não podia ser apressada. Só um diagnóstico preciso acertaria na veia o antibiótico capaz de virar o jogo; no entanto, o problema eram justamente as veias, que, com um calibre de bebê, estouravam a cada gota de esperança, sendo preciso pegar dolorosamente uma nova veia, e outra, e mais outra num

calvário sem fim. Na hora de furar o bebê, era a mãe que o segurava. As enfermeiras compadecidas ofereciam-se para conter o menino, tentavam convencê-la a sair do quarto, mas ela não concebia deixar o filho enfrentando aquilo sozinho. Ozório olhava para ela e, encontrando uma longínqua força em seu estado hipotônico, balbuciava — Mamã, mamã — e neste som coagulava o mais profundo significado de súplica. Por um segundo, confiava na mãe, e sua expressão de bebê se abria a uma breve e nítida esperança de que aqueles olhos amorosos diante dele o livrariam de seu sofrimento, mas, ao contrário, sua mãe o segurava firme enquanto eles enfiavam a agulha uma, duas, sete vezes em seu corpinho, àquela altura um campo completamente minado de explosões arroxeadas. Quando, lá pras tantas, decidiram fazer um acesso profundo a uma veia de maior calibre, eliminando a necessidade de ficar espetando Ozório a todo momento, alternativa que evitaram ao máximo pelo risco de uma nova infecção que lhe seria fatal, o resultado da cultura ficou pronto e foi espantosa a velocidade com que derrotaram as bactérias. Ozório escapou. Cresceu. Esqueceu. E casou-se. Teve uma filha a quem deu o nome de sua mãe: Viridiana. A quem seria capaz de segurar com firmeza, se necessário, mesmo que a dor lhe fosse insuportável. A quem legou a única herança que ele mesmo recebera, a de um amor que não se desvia de suas obrigações.

— Como não sentir as pernas? Ah, vai sentir as pernas sim, senhor! — Viridiana pega uma tala larga de carne na coxa do filho e torce, torce, torce disposta a arrancar um pedaço dele. Tito grita de dor e depois chora.

Viridiana sorri.

1986

O policial Ferola
estava com fome
quando Tito
cruzou seu caminho

Não havia nenhum pão dentro do saco pardo sobre a mesa, embora, ele, o saco, permanecesse estufado como se houvesse. Segundo o policial Ferola, nenhum pão de ontem se encontrava na mesa de manhã cedo, Eu me lembro perfeitamente bem, diz para si mesmo, convencido de ser um investigador de primeira a quem nada escapa, que quando fui me deitar eles estavam lá, não apenas um, mas dois pães franceses. Também não há hoje nenhum pão de hoje sobre a mesa, o que faz com que o policial Ferola deduza irritado que ninguém acordou para ir comprá-lo, Alguém que tivesse por mim a mínima consideração teria agido com a mínima consideração numa segunda-feira de manhã, conclui Ferola com seus botões atormentados, enquanto se consome de raiva. Há claros indícios de sacanagem, descarados farelos delatores que comprovam que Berenice, sua digníssima esposa, além de cair no bingo com as amigas safadas do salão e chegar de madrugada em casa como se domingo não fosse véspera de segunda, comeu, não apenas um, mas dois pães franceses, sendo que pelo menos um deles, não é pedir muito, pelo menos um, deveria estar sendo mastigado por mim neste exato instante, remói Ferola, A vadia chega a ser incapaz de tirar o ar do saco de pão, o

que evitaria a ilusão, seguida da rápida desilusão, de que havia um pão dentro do saco. Sou eu quem vai sair para trabalhar enquanto ela se dedicará às próprias cutículas, e eu pergunto: onde está Berenice que não está aqui para, pelo menos, ouvir o que merece? No banheiro, claro, apagando as provas, lavando a imunda. Vai demorar com este chuveiro estridente ligado até eu não poder pensar em outra coisa que não seja a conta de água e de luz no final do mês a ponto de esquecer da água suja que escorre entre suas pernas, Eu pago a metade das contas!, ela dirá com desprezo, mãos na cintura e ares de desaforo, e se eu abrir a boca e despejar umas verdades do tipo A gente só divide ao meio as contas, o consumo você encara praticamente sozinha!, aí o céu desaba.

Com este estado de espírito alimentado pelo buraco no estômago, o policial Ferola saiu de casa reclamando com rancor um pão velho para amaciar na frigideira. Estava atrasado para render na delegacia os plantonistas de fim de semana. Decidiu parar num bar no caminho para tomar café com leite e, finalmente, comer um pão na chapa decente. Por uma dessas picuinhas de um dia ruim, a fila do caixa estava enorme e o pão acabou logo na sua vez. Irritadíssimo e com vontade de chutar um cachorro, lembrou-se de uma palestra, muito chata por sinal, que fora obrigado a assistir, de uma mulher de voz pastosa, com um pigarro pendurado na corda vocal, forjado por anos de nicotina, que afirmava, categórica, que a fome aumenta a agressividade policial, Pouco açúcar no sangue faz um sujeito ficar destrutivo e sem doçura, um homem, segundo a ciência, encharcado de neuropeptídios, substância que leva a fome para o cérebro, faz merda, ela dizia e tossia. Talvez isso, somado à sensação de que Berenice andava aprontando descaradamente, esclareça, até onde se pode esclarecer a maldade feita a um estranho, o fato de que, naquele dia, o policial Ferola faria uma grande merda com a vida de Tito.